

Lévinas espectro de Derrida: alteridade, rastro, desconstrução

Lévinas, spectre of Derrida: alterity, trace, deconstruction

Denise Dardeau
Mestranda pela UFRJ
CNPQ

Resumo: O presente trabalho tem por intuito abordar o pensamento do filósofo Jacques Derrida a partir da herança da filosofia levinasiana no que tange a questão da alteridade. Será mostrado como Derrida expande a problemática da alteridade em Lévinas, fazendo do outro humano levinasiano, todo outro (*tout autre*); e serão feitos alguns apontamentos quanto às proximidades e às diferenças que unem tangencialmente essas duas grandes singularidades filosóficas baseando-nos na noção de *rastro*.

Palavras-chave: Emmanuel Lévinas; Jacques Derrida; alteridade; rastro; desconstrução.

Abstract: This work intends to discuss the thinking of philosopher Jacques Derrida through the heritage of the Levinasian philosophy, regarding the question of alterity. Will be demonstrated how Derrida expands Lévinas' alterity problematic, making the Levinasian other human, "wholly other" (*tout autre*); and will be written some notes about the similarities and differences that tangentially unite these two great philosophical singularities, basing them in the notion of trace.

Keywords: Emmanuel Lévinas; Jacques Derrida; alterity; trace; deconstruction.

O que se passa entre dois, e entre todos os ‘dois’ que se queiram, como entre vida e morte, só se há-de valer de algum fantasma. Seria preciso, então, dar lição aos espíritos. Mesmo e antes de tudo se isto, o espectral, não existe. Mesmo e antes de tudo se isto, sem substância nem essência nem existência, não está jamais presente enquanto tal. (DERRIDA, 1994, p. 10 -11)

Começar a falar de Derrida é sempre uma tarefa difícil, árduo exercício para aqueles que arriscam a enovelar-se pelos labirínticos (não) caminhos de seu pensamento. Árduo exercício porque, em Derrida, não há um começo, um lugar, um ponto de fixo que dê solo e direção ao pensamento, a um pensamento alinhado a um centro preciso e bem definido. Ao contrário, o “caminho” do pensamento derridiano é estranho, assimétrico, labiríntico, assombrado. Entrar nele significa, ao mesmo tempo, perder-se – e não porque seu pensamento seja desorientação, mas, sim, ao contrário da postura tradicional da filosofia, é não-orientação consciente como a lúcida tarefa que deveria então ser assumida pelo pensamento filosófico – e perder-se pelas infinitas entradas que nos convidam e saídas que nos empurram até as *margens* do pensamento; significa, também, engajar-se na tarefa, na difícil tarefa, de acolher-se, de sentir-se acolhido por este desesperador pensamento da desconstrução que passa por uma estranha delegação proveniente dos espectros. Se o começo é infinito e o lugar é *rastro*, comecemos então pela sombra, por este espaço sem luz que não é espaço, é contorno de uma figura que se interpõe *entre* ela e o foco luminoso, comecemos então pela escuridão do assombramento, pelo *entre*, pelo *entre* Emmanuel Lévinas e Jacques Derrida.

Um *entre* que marca, a um só tempo, a proximidade e o distanciamento (que, em conformidade com a linguagem derridiana, melhor seria dizermos alargamento) de pensamento entre essas duas grandes singularidades filosóficas. Falemos

então de singular proximidade, e singular proximidade porque é uma proximidade que se dá na diferença, na, desde sempre, separação, ou, nos termos derridianos, na *brisura*¹. Uma extraordinária proximidade que, entre Derrida e Lévinas, se marca pela hiper-radicalidade daquilo que os convocou a pensar: o outro, o absolutamente outro (*tout autre*). Tanto a meta-ética levinasiana quanto a desconstrução derridiana trazem, de fato, o mesmo apelo: a alteridade. Ao lado da ética levinasiana que em *Violência e Metafísica* é, por várias vezes, apontada por Derrida como um pensamento do desconhecido, do indizível, do impensável e do impossível, encontra-se também o pensamento da desconstrução, um pensamento do impossível, só possível como impossível.

Esta impossibilidade assumida pelo pensamento de ambos os filósofos diz respeito ao reconhecimento do equívoco recorrente da tradição filosófica em tentar abarcar o Outro pela lógica do Mesmo. Assim, o fracasso do pensamento de Lévinas e de Derrida – que, neste caso, torna-se êxito – consiste em afirmar a irredutibilidade da alteridade à lógica da mesmidade da qual o outro sempre transcende². Trata-se, por conseguinte, de assumir a própria falência do pensamento. Entretanto, ainda que falido, o pensamento deve tomar por tarefa, mesmo que de forma sempre injusta, responder as demandas da alteridade. É esta declaração de impossibilidade que afina os pensamentos de ambos os filósofos, sendo o desconhecido, o impossível aquilo

¹ Sobre a *brisura*, reproduzo aqui a epígrafe escolhida por Derrida em *Gramatologia*: “Vós sonhastes, suponho, encontrar uma única palavra para designar a diferença e a articulação. Folheando ao acaso o *Robert*, quiçá eu a encontrei, desde que se jogue sobre a palavra, ou antes, que se indique o seu duplo sentido. Esta palavra é rotura [*brisure*]: ‘- Parte fragmentada, quebrada. Cf. brecha, fratura, fenda, fragmento. – Articulação por charneira de duas partes de uma obra de carpintaria, se serraria. A rotura de uma veneziana. Cf. junta’ (Roger Laporte, *Carta*)”. A *brisura* seria, portanto, aquilo que nem une nem separa, mas sim articula. Como elemento constituinte do pensamento, seria uma forma de escapar, ou ao menos, enfraquecer o dualismo metafísico. DERRIDA, Jacques, 2008, p. 80.

² HADDOCK-LOBO, Rafael, 2008a, p. 148.

que *pode* realmente existir, e que abre as portas para a hospitalidade do outro.

Em Emmanuel Lévinas, a evasão da dimensão ontológica para a sociabilidade, para a esfera da relação entre os homens é o que possibilitaria uma subjetividade acolhedora, capaz de produzir, pela *hospitalidade*, a implosão do saber e do pensar como operações objetificadoras, totalizadoras e indiferentes. Assim, na contramão de uma relação teórica abstrata na determinação inteligível do ser, Lévinas prioriza a relação metafísica (no sentido de uma relação transcendente) do mesmo com o outro, sem que haja uma redução do outro ao mesmo. A construção da metafísica levinasiana parte, portanto, da crítica à ontologia enquanto fundamento da verdade ou, ainda, da negação da primazia da ontologia sobre a metafísica³.

Derrida, por sua vez, embora não negue a metafísica – ao contrário, afirma não ser possível pôr-se para além ou para fora dela –, critica-a pela sua estrutura presentificadora, opositora e hierárquica. Em *Gramatologia*⁴, seu único projeto

³ A metafísica tem um papel fundamental na filosofia levinasiana por supor a radical inversão que emerge da derrota do eu que a tudo antecede e que se apresenta enquanto fundamento da verdade. O *ser*, a *existência* são derrotados pelo *existente* concreto, pelo *Il y a*, que é anterior ao fenômeno do conhecimento, a todo e qualquer gênero de representação ou dominação do eu. O *Il y a* representa o irrepresentável, o inapreensível e expõe o eu na sua mais completa nudez e escuridão. A compreensão do ser que não cabe em si mesmo, a inteligibilidade do ser, transcendente e irremissível, que se dá indissociavelmente da realidade que o envolve por completo, constituem-se instância primeira da metafísica levinasiana. Contudo, vale salientar que essa primazia do outro em relação ao mesmo, proposta por Lévinas, não se configura em mais uma indicação metafísica. Dada a completa *disseminação* que emerge do pensamento da alteridade, não se trata de situar o outro numa instância ontológica, mas sim de situá-lo numa *instância ética*, sem reduzi-lo a um *outrocentrismo*. Ver: MELO, Nélvio Vieira de., 2003, pp. 34 - 44.

⁴ O próprio nome *gramatologia*, pensado na ótica derridiana, traz em si uma aporia que desloca a pretensão de toda ciência positiva. Não se trata de uma ciência da escritura, mas, antes, da relação entre fala e escritura, entre o *grama*, ou seja, o *rastro*, aquilo que não se deixa apropriar, e a *logia*, ou seja, o *logos*, aquilo que aponta para uma suposta fala plena e para um movimento

filosófico e posteriormente abandonado, Derrida denuncia a clausura metafísica do pensamento em que o conceito clássico de linguagem está inscrito, propondo, em contrapartida, pensarmos a noção de escritura⁵, que, na linguagem derridiana, não corresponde à fixação da palavra falada, é, antes, a própria denúncia do caráter *fonologocêntrico* da metafísica em geral. Em outros termos, o pensamento da desconstrução mostra como a redução fonética da linguagem esconde uma redução metafísica do pensamento como um todo.

Tendo isso posto, o que o pensamento da ética levinasiana e da desconstrução derridiana sugerem é a suspensão do saber atrelado às malhas da lógica formal e questiona mesmo o modo de pensar, propondo um pensamento que pensa o pensamento, calcado não na generalidade conceitual da razão determinada a partir do eu, mas sim na infinita convocação do outro, do *todo outro*. Trata-se de uma outra “racionalidade”, de um pensar que é, desde já, acolhimento ou hospitalidade infinita do outro.

É neste ponto, justamente, que aparece a noção de rastro como uma *outra* forma de pensar a alteridade, ou como o (não) lugar da alteridade, uma vez que o rastro não é nem

de reunião e fechamento do pensamento. O *quase-conceito* de escritura que Derrida trata em sua *Gramatologia* apontaria, então, para esse jogo de remetimentos de significantes a significantes, de rastros a rastros.

⁵ Segundo Paulo Cesar Duque Estrada, é preciso esclarecer dois possíveis equívocos quanto à noção de escritura em Derrida. Primeiro, a escritura não deve ser entendida como um tipo particular e derivado de linguagem – isto é, a linguagem escrita como fixação da linguagem falada – que abandonaria sua posição de subordinada, passado a ocupar o lugar privilegiado na relação entre fala e escrita. Segundo, Derrida não pressupõe que haja um conceito mais original, mais autêntico de escritura. Dessa forma, podemos dizer que a questão derridiana da escritura nem se resume a uma mera inversão de dicotomias tradicionais, nem se orienta por uma “lógica do aprofundamento”, ou seja, como se o pensamento derridiano partisse do princípio de que aquilo que normalmente se entende por escritura não é senão um conceito superficial que oculta algo mais originário. Para Derrida, a escritura permanece na sua posição de *significante do significante*, a diferença é que há uma “positivação” dessa posição. Ver: DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar, 2002, pp. 9 - 28.

presença, nem ausência. É um *entre* que respeita a herança, o assombramento do outro e reconhece, por conseguinte, a impossibilidade do acesso à alteridade *enquanto tal*, dado que o outro sempre já se nos escapou. Em *Gramatologia*, Derrida diz aproximar seu conceito de rastro daquele desenvolvido por Lévinas em *O rastro do outro* (prenúncio de *O humanismo do outro homem*), e que tal herança supõe uma crítica à ontologia de Heidegger, apresentando o rastro como aquilo que rompe com qualquer possibilidade de presença. Mas, adiante, Derrida adverte que esta noção de rastro

... colocada aqui [em *Gramatologia*], e não no pensamento de Lévinas, de acordo com uma intenção heideggeriana (...) significa, por vezes para além do discurso heideggeriano, o abalamento de uma ontologia que, em seu curso mais interior, determinou o sentido do ser como presença e o sentido da linguagem como continuidade plena da fala (DERRIDA, 2006, p. 86)⁶.

Sendo assim, Derrida utiliza-se da noção levinasiana de rastro na perspectiva heideggeriana para, justamente, criticar o pensamento de Heidegger, alargando o pensamento levinasiano até as margens em nome de se fazer justiça, pela ingratidão, a Emmanuel Lévinas. As noções de rastro e de herança em Derrida, que em *Espectros de Marx* aparecem juntamente à noção de espectro, traduzem a atitude desconstrutiva do pensamento derridiano e não se restringem à noção levinasiana de rastro, de alteridade.

Trata-se, em verdade, de fazer justiça à fantasmagoria mesma que rompe com a temporalidade e com o ideal de presença na intenção de que aprendamos a lidar com o outro humano, mas também com o outro não humano; com o tempo presente, com o tempo passado (daquele que empiricamente já

⁶ Passagem observada a partir da leitura de: HADDOCK-LOBO, Rafael, 2008a, p. 149.

se foi, mas que, ao mesmo tempo, nunca esteve lá), e com o tempo futuro, daquele (ou daquilo) que ainda está *por vir*.

Dessa forma, mais do que empreender um pensamento do outro, Derrida dedica-se a pensar outras possibilidades de pensar, a pensar de um modo “absolutamente diferente”, a tudo pensar, e a tudo pensar diferentemente, em um exercício mesmo de alargamento, de hiperbolismo. É este alargamento, ou essa generalização da ética levinasiana, que possibilita que a desconstrução derridiana lide com a alteridade e que se assuma, ela mesma, como *rastro* de outros pensamentos, inserida na cadeia referencial da *différance*. É esse alargamento, ainda, que permite que Derrida assuma Lévinas como seu espectro fazendo ecoar seu pensamento onde não se pensava ser possível, mantendo-o vivo numa outra temporalidade. É preciso então ser infiel por fidelidade ao movimento da alteridade. Preservar em Lévinas sua noção de alteridade seria petrificá-la na propriedade do Mesmo, não a conduzindo ao jogo de diferenças. Sendo a desconstrução um ato de amor e de respeito à invisibilidade que preserva a inacessibilidade do outro, Derrida toma para si a tarefa de não seguir linearmente a obra de Lévinas, mas, sim, de atravessá-la, obliquamente, numa (in)fiel travessia.

Para Lévinas, a obra nunca retorna a seu autor; ela é, por natureza, sempre ingrata; é aquilo que resulta, que permanece de uma relação bem sucedida e, por isso mesmo, está para além do fim, para além da morte.

A Obra pensada radicalmente é um movimento do Mesmo em direção ao Outro que jamais retorna ao Mesmo. A Obra, pensada até o fim, exige uma generosidade radical do movimento que, no Mesmo, vai em direção ao Outro. Ela exige, por consequência, uma ‘*ingratidão*’ do Outro. A gratidão seria precisamente o retorno do movimento à sua origem (...). A Obra, distinta por sua vez de jogo e de suputações, é o ser-para-o-para-além-de-minha-morte (...).

Ela é a ética mesma. (LÉVINAS, 1996, pp. 44-46)⁷.

Poderíamos dizer então que por amor e por absoluto respeito ao pensamento de Emmanuel Lévinas, Derrida o é ingrato, uma ingratidão, diria Lévinas, de filho⁸. Tal ingratidão se revela naquilo que, no início de nossa apresentação, optamos por chamar de alargamento, mais do que diferença, do pensamento levinasiano. Ainda que Lévinas tenha trazido à tona toda essa problemática da inacessibilidade do outro, sobretudo a partir da fenomenologia de Husserl, é Derrida quem vai tomar por tarefa o fazer esta diferença indicada por Lévinas pôr-se em obra.

E é assim que Derrida aponta a fragilidade do pensamento levinasiano em seu cerne: “tout autre est tout autre”. O absolutamente outro é absolutamente (todo e qualquer) outro. No intuito de destituir a ontologia como saber original, apontando, para isso, a radicalidade e a anterioridade da ética, a filosofia de Lévinas tem como pressuposto, sempre, a alteridade, visto que o que há de mais fundamental é a relação face-a-face, homem-a-homem. Isto confere ao pensamento levinasiano um certo tom humanista, não obstante a deposição do mesmo de seu lugar privilegiado e da devoção do outro, ou ainda, não obstante a condição do eu como eterno refém do outro. Entretanto, a despeito de toda grandeza, elevação e dificuldade de um pensamento como o de Lévinas, Derrida

⁷ Apud HADDOCK-LOBO, Rafael, 2002, p. 122.

⁸ Sobre isso, Rafael Haddock-lobo nos diz: “*Obra e filho* são representações máximas da ética, são frutos da ética porquanto se insinuam sempre na ingratidão. No momento mais íntimo do casal, na noite de núpcias, quando, mística e pretenamente, nos fundiríamos, eu e ela, em um só, surge o *terceiro*. E, ao contrário do que preconizava Mestre Eckhart, dois não viram um, mas três. [...] O filho, o terceiro, [assim como a obra] nunca responde às demandas do pai, é um ingrato ao próprio eu”. E mais a frente ele continua: “filho e obra, como presentes desinteressados ao mundo, como irretidão que nunca retornará ao mesmo, podem indicar o alcance do próprio infinito e a efetiva realização da ética”. HADDOCK-LOBO, Rafael, 2006. pp. 58 – 59.

inscreve a “subversão levinasiana do sujeito numa certa tradição do ‘cartesianismo’ – fato que dita uma diferença de ressonâncias praticamente infinitas no seu quase-conceito comum de ‘trace’ (rastro)”⁹; e que nós apontamos aqui. A isso, assim, Derrida se refere:

haveria por outro lado que perguntar a seguir a que é que se coloca em movimento um discurso sobre o rastro do outro (este discurso no decurso e no curso do qual eu cruzei Lévinas segundo aquilo que ele chamou um *quiasma*) e porque é que ele deveria inscrever em si o rastro do outro como animal, como *animot*, aquilo que eu não cesso de fazer, mas o que Lévinas, nesta tradição cartesiana de que tenho vindo a falar e que, não fortuitamente, é também uma tradição greco-judaico-cristã-islâmica, nunca fez, tanto quanto eu saiba (DERRIDA, 2006, pp. 82-83)¹⁰.

Derrida aponta que a ética levinasiana, embora crítica do velho humanismo¹¹, pensa a alteridade no limite do humano e não da alteridade mesma. Isso porque o outro em Lévinas é o outro humano – no esquecimento, portanto, do vivente animal –, e o humano é pensado como homem – no esquecimento ou numa certa secundarização do “feminino”¹². Assim, embora

⁹ BERNARDO, Fernanda, 2008a, p. 184.

¹⁰ Apud BERNARDO, Fernanda, 2008a, p. 184.

¹¹ Resumidamente, “o humanismo de Lévinas é totalmente fundamentado na alteridade, as nua concepção inovadora de outro – o todo-outro –, rompendo com qualquer espécie de concepção clássica de humanismo: em primeiro lugar, porque radicaliza a noção de responsabilidade, deslocando-a do conceito de homem para a o outro homem; segundo, porque enfraquece a noção de homem, pela introdução do feminino como alteridade acolhedora; terceiro por ver na eleidade a verdadeira alteridade, representada pelo filho e pela obra”. HADDOCK-LOBO, Rafael, 2006, p. 71.

¹² Não obstante o valeroso mérito de Lévinas por ter assumido a masculinidade de sua assinatura filosófica, bem como pelo seu empenho na temática fenomenológica de eros e do feminino, conferindo à mulher o “lugar” do acolhimento, da hospitalidade absoluta e incondicional que

Lévinas tenha, de fato, invertido a tendência ontológica da filosofia e do sujeito, “cuja enigmática humanidade se plasmará e o plasmará como rosto”¹³, embora tenha submetido o sujeito a uma heteronomia radical, à lei da substituição¹⁴, sendo, ao mesmo tempo, hóspede e refém do outro, a verdade é que, para Derrida, o “sujeito ético” levinasiano é um rosto humano e fraterno, não comporta a dimensão do vivente animal, de todos os viventes, e, mais, de todas as relações do vivente com o não-vivente¹⁵.

configura o caráter prévio da ética em relação à própria ética, Derrida aponta para a violência de uma certa dissimetria falocêntrica (ou ainda, carno-falogocêntrica, no que se refere também a questão dos animais) do pensamento levinasiano. Isso porque, como nos esclarece Fernanda Bernardo, trata-se de “um falocentrismo ou um androcentrismo marcados, por exemplo, no privilégio do *Il* e da *Illéité* na designação do *tout autre*; no privilégio do Pai e do Filho na sua alusão à filiação (cf. *Totalité et Infini*); na sua distinção entre o rosto feminino (equacionando ao Tu de Buber) e o rosto magistral (equacionando ao Vós – altura, magistralidade, vulnerabilidade, imperatividade e resistência ética) (cf. *Totalité et Infini*); numa certa alusão à Amada, à feminilidade da Amada estranhamente associada em *Totalité et Infini*, à infância, à irresponsabilidade, à coqueterie e à animalidade,... Um privilégio que, reatando com a poderosíssima tradição abramica, é indissociável do privilégio da fraternidade na ética levinasiana. Um privilégio a ser devidamente repensado, dado o seu liame à genealogia familiar e ao sangue”. BERNARDO, Fernanda, 2008b, pp. 9-10.

¹³ BERNARDO, 2008b, p. 7.

¹⁴ A noção de substituição é o objeto de análise do IV capítulo de *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* e constitui-se como “peça fundamental” da subjetividade do sujeito levinasiano. Em Lévinas o eu, ou o sujeito, não é outra coisa senão o pólo de recepção da provocação e lugar da possibilidade da resposta, e não mais o ponto de iniciativa. Em outros termos, o eu se constitui na possibilidade de relação com o outro. E, por isso mesmo, deve ser pensado fora de qualquer horizonte definido pela compreensão. Não se deve, portanto, procurar o humano a partir de um movimento reflexivo de si sobre si próprio, na consciência de si, mas sim, e somente, a partir de um movimento de resposta ao apelo da alteridade. Neste sentido, a estrutura do sujeito humano levinasiano mostra-se na forma bíblica do *eis-me aqui*. *Eis-me aqui* significa envia-me; é uma resposta ao apelo que o precede, o apelo da alteridade. CHALIER, Catherine, 1993, p. 110.

¹⁵ Cf. *L'animal que donc je suis*, de J. Derrida.

Em seu texto “Il faut bien manger”, que consiste numa longa conversa com Jean-Luc Nancy a propósito de uma pergunta por este formulada, a saber, “quem vem após o sujeito?”, e endereçada a vários pensadores, dentre eles Jacques Derrida, Derrida traz à tona uma inquietante questão acerca da subjetividade – já presente, entretanto, em *A Voz e o Fenômeno*, uma leitura dedicada a Husserl – que nos remete, de certa forma, a essa problemática do humanismo em Lévinas e nos ajuda a melhor compreender a sua argumentação de que “todo outro é (absolutamente) todo (e qualquer) outro”.

Derrida afirma que “jamais houve para quem quer que seja o sujeito”¹⁶. Isto aponta, na perspectiva do pensamento desconstrucionista, para duas linhas investigativas, que poderemos aqui apenas situar. A primeira diz respeito ao deslocamento ou à descentralização do sujeito. Sendo o sujeito *não presença a si*, sendo “instância fundadora e fundada ao mesmo tempo, constituinte e constituída”, sendo, portanto, “intervalo entre esses dois momentos, o sujeito não pode ser tomado como o centro na experiência do pensamento; centro este que, nunca se deu, nunca esteve presente a si enquanto tal”¹⁷. À esta primeira linha de investigação soma-se outra, intrinsecamente a ela relacionada. Trata-se de um esforço do pensamento no sentido de desconstruir tudo aquilo que, nas determinações tradicionais do sujeito, se reúne em torno da expressão *enquanto tal*. O que está sendo proposto, então, é um outro modo de pensar a subjetividade, mantendo-se livre do dogmatismo metafísico do *enquanto tal*. A subjetividade passa a ser pensada enquanto “relação a si sem presença a si”. Disso resulta uma consequência arrebatadora: “como relação a si sem presença a si, a subjetividade já não pode mais ser pensada como um atributo exclusivo do ser humano”¹⁸. Daí o rastro, o espectro, em Derrida, contrariamente ao que ocorre em Lévinas,

¹⁶ DERRIDA, Jacques, 1992, p. 279.

¹⁷ DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar, 2010, pp. 7 – 8.

¹⁸ DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar, 2010, p. 12.

não se referir apenas ao humano, mas também ao vivente animal e mesmo ao não vivente.

Eis aí a fundamental diferença entre a noção de rastro em Lévinas e em Derrida, que mais uma vez aqui retomamos. O rastro é definido por Lévinas como o “movimento da alteridade”, como aquilo que rompe com qualquer possibilidade de presença do outro e mostra-nos que a relação com o outro é sempre concernente à ordem do *totalmente outro*. Por essa razão, a epifania do rosto e a significação do rastro, de modo algum, se assemelham a um desvelamento ontológico, pois não se inserem numa ordem na qual o outro é absorvido pelo Mesmo, ao contrário, o movimento de rastrear implica um desordenamento do eu rumo a um *para-além do eu*; implica um movimento rumo a uma alteridade irredutível e absoluta que ultrapassa qualquer teorização e que propõe uma nova experiência, calcada na hospitalidade e na convocação à responsabilidade. Derrida estende essa noção levinasiana de rastro e entende que o rastrear implica um desordenamento do eu não só rumo a um *para-além do eu*, mas também rumo a um *para-além do outro levinasiano*. Portanto, uma diferença que, mais que diferença, mostra-se como o próprio movimento de respeito à alteridade que Lévinas apontou e que Derrida, por amor e por assombro, soube bem dar prosseguimento...

Referências bibliográficas

BERNARDO, Fernanda. “Lévinas e Derrida: ponto(s) de (não)-contato”. In DUQUE-ESTRADA, P. C. (Org). *Espectro de Derrida*. Rio de Janeiro: NAU Editora: Ed. PUC-Rio, 2008b, pp. 157 – 211.

_____. *Lévinas e Derrida: pensamentos da alteridade “ab-soluta”*. Cadernos IHU, ano 8, nº 277, 2008a, pp. 9-10. Disponível em <<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_co

[ntent&view=article&id=2230&secao=277>>](#). Acesso em: 6 de junho de 2011.

CHALIER, Catherine. *Lévinas - A utopia do humano*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Tradução: Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumaré, 1994.

_____. *Gramatologia*. Tradução: Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

_____. *L'animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006.

_____. “Il faut bien manger ou Le calcul du sujet”. In *Points de suspension*. Paris: Galilée, 1992.

DUQUE-ESTRADA, P. C. “Derrida e a escritura”. In *Às margens – a propósito de Derrida*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002, pp. 9 – 28.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Da existência ao infinito: ensaios sobre Emmanuel Lévinas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006.

_____. *Derrida e o labirinto de Inscrições*. Porto Alegre: Zouk, 2008.

_____. “O Adeus da desconstrução: Alteridade, Rastro e Acolhimento”. In DUQUE-ESTRADA, P.C. *Às margens – a propósito de Derrida*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002, pp. 117 – 131.

LÉVINAS, Emmanuel. *Humanisme de l'autre homme*. Paris: Fata Morgana, 1996. (*O Humanismo do outro homem*. Tradução: Pergentino S. Pivatto (coord.); Anísio Meinerz; Jussemar da Silva; Luis Pedro Wagner; Magali Mendes de Menezes; Marcelo Luiz Pelizzoli. Petrópolis: Editora Vozes, 2009).

MELO, Nélio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

